

O papel da mulher na igreja primitiva: uma revisão

Marco A. B. de Pinho¹

marcoabpinho@gmail.com

Ana C. A. B. de Pinho²

anacabpinho@gmail.com

RESUMO: Este artigo, baseado em um estudo bibliográfico, explora a atuação feminina nos primeiros séculos do cristianismo, abordando a complexidade do tema e as diferentes interpretações históricas e teológicas. A pesquisa, de natureza básica e abordagem qualitativa, baseou-se em uma revisão de textos bíblicos e acadêmicos para analisar a participação das mulheres em ministérios, seu status social e as tensões em torno de sua autoridade. O artigo discute a influência da cultura judaica e romana, destacando a participação ativa de mulheres na religião desde a antiguidade e na formação da igreja primitiva. A pesquisa concluiu que uma leitura cuidadosa e contextualizada da Bíblia desmente acusações de misoginia e ilumina a atuação das mulheres na igreja, demonstrando que elas desempenharam papéis importantes e diversos. A figura da mulher na igreja contemporânea é diretamente influenciada por essas questões históricas e teológicas, e o reconhecimento de sua atuação ministerial ainda é um tema de debate.

Palavras-chave: mulher; igreja primitiva; Novo Testamento.

1 INTRODUÇÃO

Uma pergunta comum no âmbito de igrejas evangélicas, que apesar de trivial, está longe de ter uma resposta simples é: “mulher pode ser pastora?” Este estudo não se propõe a trazer uma resposta a essa pergunta. Assim, a pesquisa se concentrou estudo do papel da mulher na igreja primitiva, como um tema de grande relevância e complexidade, frequentemente debatido na teologia e na história do cristianismo. A forma como as mulheres foram percebidas e atuaram nos primeiros séculos do cristianismo moldou, em grande parte, as estruturas eclesiásticas e as normas sociais que se seguiram. Narrativas bíblicas e textos patrísticos oferecem um panorama multifacetado, com evidências de participação ativa e, ao mesmo tempo, de restrições crescentes. Esta revisão bibliográfica busca analisar criticamente o papel das mulheres no contexto do cristianismo primitivo, explorando sua participação em ministérios, seu status social e as tensões que surgiram em torno de sua autoridade, apontando elementos para estudos futuros quanto ao papel feminino nas igrejas. Assim, constitui-se como objetivo deste artigo fornecer uma visão panorâmica, que vá além das interpretações tradicionais e explore nuances e contradições presentes nas fontes históricas.

2 METODOLOGIA

Quanto à natureza, esta pesquisa se caracteriza como básica. A pesquisa básica tem o objetivo de gerar conhecimento para a ciência, aprimorar teorias e expandir o conhecimento, buscando gerar verdades, ainda que temporárias e relativas, sem necessariamente ter o compromisso de uma aplicação prática imediata prevista (Zanella, 2009). Em relação à abordagem, esta é classificada como qualitativa, uma vez que os estudos qualitativos se concentram em compreender o significado social de fenômenos complexos (Marconi;

¹ Doutor em Psicologia Cognitiva (UFPE). Professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Pastor na Igreja Batista em Campo Grande (IBCG).

² Licenciada plena em História (UNICAP). Especialista em História da Arte (Unyleya).

Lakatos, 2022). No que concerne ao levantamento de dados, esta é uma pesquisa bibliográfica, realizada a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos ou endereços eletrônicos (Fonseca, 2002).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Ribeiro (2020) as mulheres desde a antiguidade exerceram um papel de destaque na religião e nas sociedades e na religião e cultura judaica, isso não foi diferente. A literatura contemporânea não é unânime quanto ao papel que a mulher deve desempenhar nas igrejas. Vamos da posição de autores que entendem que a pregação pública da mulher vem de inovações aceitas nas igrejas (Dabney, 2022), afirmado que a pregação pública de mulheres fora no passado universalmente condenada entre todas as denominações cristãs conservadoras. Dessa visão, que entende a não participação da mulher no exercício do ministério pastoral, a partir da década de 60, passamos pela visão de que mesmo que ambos os sexos sejam iguais em valor, existem diferenças que envolvem não apenas questões biológicas, mas também papéis que Deus designa para o homem e a mulher na família e na igreja (Baracy, 2023; Martins, 2024).

Baracy (2023) aponta que, na mesma época que surge essa visão intermediária anterior, chega-se a uma visão de que homens e mulheres são iguais em valor, sendo que a presença de mais líderes homens nas Escrituras se dá por fatores e necessidades culturais. Deus usa as culturas, às vezes alterando-as, às vezes mantendo seus elementos. Essa linha teológica, chamada de igualitarismo ou mutualismo, considera que diversas mulheres na Bíblia exerceram autoridade espiritual sobre homens.

3.1 A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA IGREJA PRIMITIVA

Sá e Ghedini (2021) afirmam que as mulheres tinham participação ativa no contexto bíblico. Lembrando as ações de Lídia em Filipos, descritas no livro de Atos 16.11-15, 40 (Bíblia, 2013), assim como a participação de mulheres na proclamação do evangelho em Bereia, descrita em Atos 17.12 (Bíblia, 2013) os autores apontam que mulheres estiveram envolvidas no estabelecimento da Igreja Primitiva.

Reimer (2013) afirma que as mulheres, nesse momento de construção da Igreja enquanto instituição, receberam papéis e atividades que as incluem no serviço e nas ações relacionadas ao trabalho eclesiástico, as mesmas que desde o princípio (Rm 16.1-5) como diaconisas ou viúvas (1Tm 5,9; Tt 2,3), tinham trabalhos pastorais e de caridade e, principalmente no Ocidente eram consideradas participantes dos Ministérios das Igrejas (Bíblia, 2013; Le Goff, 2011).

3.2 A INFLUÊNCIA ROMANA

A religião na Roma Antiga ocupava lugar de destaque dentro da estrutura familiar antes mesmo do cristianismo. Os romanos cultivavam oferendas e tributos às suas divindades e tinham deuses para cada aspecto de suas vidas com forte ligação à alma e sua sobrevivência. Eram eles guiados pela luxúria e, partindo do pensamento de Moura (2009), só conseguiam, assim como Agostinho, encontrar paz dentro do Cristianismo, os levando a uma vida próspera e de paz.

A Cristianização do Império Romano ocorreu no século IV d. C, no ano de 384 por meio do Edito de Tessalônica e surge com a firmeza de Culto que supera o paganismo dado o

apoio que a Igreja recebia do Império aumentando seus poderes, sua influência e sua riqueza, fazendo até mesmo com que no final do século IV a cidade de Roma esteja rodeada de mosteiros e conventos, atribuindo desta maneira um dever e um local para as mulheres devotas ao Senhor.

Em 1 Coríntios 11, 2-16 (Bíblia, 2013) Paulo faz comentários sobre as mulheres na Igreja, quanto ao decoro na igreja em Corinto. Ao tratar sobre a necessidade de elas utilizarem o véu para cobrir seus cabelos, temos várias situações e falas do apóstolo ligadas à cultura do povo de Corinto (Keener, 2017). Enquanto os atenienses, por exemplo, tendiam a segregar as mulheres dentro do lar, na cultura de Corinto contemporânea à carta de Paulo, a influência romana era maior, sendo permitido à esposa poder comparecer a banquetes na companhia do marido.

Kenner (2017) nos diz que as Igrejas domésticas eram uma intersecção entre a esfera pública masculina e a esfera privada que era predominantemente feminina. O ato das mulheres cobrirem seus cabelos era usual na Judéia e não usual na alta classe romana, todavia, como até os livres tinham que renunciar a seus direitos e com o cabelo na antiguidade sendo um forte símbolo de sexualidade era de bom tom, mas também de necessidade que as mulheres cobrissem seus cabelos (Carson *et al.*, 2009).

Paulo, assim, mediou um conflito cultural entre a classe baixa e a classe alta se utilizando de uma série de argumentos específicos para a Igreja de Corinto. Havia um costume pagão, onde os sacerdotes provenientes da elite da sociedade se distinguissem de outros fiéis pelo fato de orar e oferecer sacrifícios com a cabeça coberta. Assim, é possível que houvesse, entre a minoria de cristãos vindos da elite romana, que pretendessem chamar a atenção para a sua posição por meio do costume de orar e profetizar com a cabeça coberta (Carson *et al.*, 2009).

Já Martins (2024) afirma que no período romano, o cabelo era um símbolo de honra tão significativo que, de acordo com a lei da época, a pena para uma mulher que cometesse adultério era cortar o cabelo.

Mas, então, qual o problema existente na questão do cabelo? Há, como agem irmãos de alguns movimentos neopentecostais, algo de “sagrado” na manutenção dos cabelos, como na sociedade romana antiga? A questão principal não é essa. Paulo deseja que a igreja em Corinto entenda que Cristo é a cabeça de todo homem (ou marido) e o marido é a cabeça de toda mulher (ou esposa). Assim, o fato de alguns cristãos orarem e profetizarem de cabeça coberta, chamaria a atenção para sua posição social, quando é para Cristo que toda a atenção deveria ser dirigida. Já quando a mulher ora ou profetiza com a cabeça descoberta, sem véu, ela desonra a sua cabeça, ou seja, seu marido (Carson *et al.*, 2009).

3.3 REVISÕES SOBRE A FIGURA DA MULHER NO NOVO TESTAMENTO

Em 1 Timóteo 2,11-15 onde Paulo fala sobre o silêncio da mulher é relevante levarmos em consideração que nas Igrejas de Paulo, diferente das de tradição judaica, as mulheres tinham maior liberdade de fala, entretanto era exigido o silêncio das mesmas a não ser que estivessem falando sobre inspiração, e inspirações só eram consideradas assim se alguém do local conseguisse interpretá-las (Keener, 2017; Bíblia, 2013).

Segundo Carson *et al* (2009) a interpretação destes versículos influencia a percepção do leitor sobre os versículos que mencionam a mulher em sua atitude e atividades no momento da Palavra. No versículo 11 do capítulo 2 da carta de Paulo a Timóteo, por exemplo, deve ser interpretado como a mulher, tomada como esposa do homem, retire dúvidas e aprenda os ensinamentos em um local privado, junto ao seu esposo. Da mesma forma que entre os versículos 12-14 o ensinamento que é proibido a mulher seria um ensinamento contínuo que a fizesse tomar o local do esposo como guia espiritual do lar ou cabeça da casa.

Mesmo entendendo que este artigo busca fazer uma revisão panorâmica do papel da mulher na igreja primitiva, fatores contemporâneos precisam ser levados em consideração, para explicitar questões envolvidas no feminino no ambiente eclesiástico. Wright (2020) aponta para isso, ao apontar para uma “guerra dos sexos” dos últimos tempos, não se tratando necessariamente de uma batalha entre homens e mulheres, mas entre as diferentes perspectivas dos papéis que ambos os sexos deveriam ter na sociedade, no casamento e na igreja.

Atualmente, temos igrejas que optam por limitar a contribuição da mulher no exercício de seu ministério em alguns setores eclesiásticos, ou mesmo, por silenciá-la (Sá; Ghedini, 2021). No entanto, há passagens bíblicas que lidam com papéis dos homens e das mulheres como diferentes, e muitas pessoas no Ocidente moderno não gostam delas (Wright, 2020). Essas pessoas acusam os escritores bíblicos de “patriarcais” em sentido pejorativo, ou seja, pressupondo que os homens devem liderar tudo e todos(as) e que as mulheres devem fazer aquilo que são mandadas, reforçando, assim, essa visão em seus escritos.

É isso que se depreende da passagem de 1Tm 2.12 (Bíblia, 2013): “12E não permito que a mulher ensine, nem exerça autoridade de homem; esteja, porém, em silêncio”. Esse é o texto principal citado quando argumentam que o Novo Testamento proíbe a ordenação de mulheres (Wright, 2020). O texto todo parece dizer que as mulheres são uma espécie de cidadãs de segunda categoria, em que as diferenças entre mulheres e homens devem-se a Gênesis 3, de onde se depreende que Adão nunca teria pecado se não fosse por Eva, que recebeu sua punição nas dores do parto (Gn 3.16).

Wright (2020) nos traz que essa é uma interpretação incorreta de tratar metade da humanidade e nem corresponde mesmo às imagens das mulheres que vemos no Novo Testamento, em que as mulheres foram as primeiras testemunhas da ressurreição (Lucas 24,1-12) em que as mulheres tiveram uma hierofania, uma manifestação sagrada, que foi vivenciada por mulheres (Reimer, 2013); não corresponde à forma como Paulo se refere às mulheres em Romanos 16, chamando-as de apóstolos e diaconisas; não corresponde a 1Coríntios 11, passagem em que Paulo espera que elas orem e profetizem nos cultos; e também não corresponde a Gálatas 3:28, passagem em que ele diz: “não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, uma vez que todos são um em Cristo.” (Wright, 2020).

Reimer (2013) diz que textos do Novo Testamento não se apresentam apenas como fonte para investigação acerca dos processos de participação e exclusão de mulheres nos inícios da igreja. Mas também servem como fonte de pesquisa e investigação sobre a vida de mulheres em geral, no século I. Assim, a partir dos textos do Novo Testamento, podemos ter uma exposição das situações multifacetadas e das condições de vida de mulheres daquele tempo.

Em uma história significativa, descrita no evangelho de Lucas 10.38-42 (Bíblia, 2013) Maria está sentada aos pés de Jesus ou, em outras palavras, ela se juntara aos homens, tornando-se um discípulo, uma aprendiz, aprendendo para quem sabe, transformar-se em mestra quando chegasse a hora. Wright (2020) entende ser essa é a principal razão pela qual Marta ficou brava com ela; não que Marta não quisesse ajuda nos serviços na cozinha, mas a verdadeira dificuldade era que Maria havia cruzado o que, até então, era uma barreira invisível, e que havia mantido as mulheres à parte, com o estudo e a liderança sendo destinadas apenas aos homens. Desse modo, a chave para esse texto reside em reconhecer que Jesus está permitindo que as mulheres também poderiam estudar e aprender, e que elas não deveriam ser impedidas de fazer isso.

O testemunho de mulheres, seja na caminhada terrena com Jesus ou na história da igreja primitiva, não foi esquecido graças a um trabalho exegético-hermenêutico e político-

eclesial realizado tanto por mulheres como por homens, durante a História da Igreja e da Teologia. Com base nisso e nas lutas das mulheres por reconhecimento de seu ministério pastoral-sacerdotal ordenado, algumas igrejas têm, em sua organização e mesmo em seus regimentos, uma isonomia pastoral de homens e mulheres (Reimer, 2013).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A figura da mulher na igreja contemporânea sofre a influência direta da presença e atuação das mulheres em todas as épocas e acontecimentos que levaram à constituição do povo escolhido, bem como durante a vida de Cristo e na formação da igreja primitiva, não restando dúvidas quanto aos diferentes e importantes papéis executados por muitas figuras bíblicas. Uma leitura da Bíblia sem preconceitos e sem direcionamentos ideológicos esclarece posições de misoginia, iluminando o debate sobre a mulher na igreja ontem e hoje (Ribeiro, 2020). A Bíblia é a inerrante e infalível Palavra de Deus (BÍBLIA, 2013, 2 Timóteo 3.16). Contudo, entendendo que os escritos de homens inspirados por Deus também recebiam influência de um contexto social, político, histórico, econômico e religioso, para extrair as verdades bíblicas neles contidos, é necessário conhecer a cultura e a proposta original dos textos bíblicos antes de realizar a sua devida interpretação. Ainda não há um reconhecimento público abrangente quanto à atuação da mulher na igreja, com mulheres cristãs (pastoras e religiosas) sendo questionadas se de fato são capazes de assessorar uma comunidade, consolando, aconselhando e orientando em todos os desafios da vida cristã.

REFERÊNCIAS

- BARACY, V. Z. **Mulher pode ser pastora?** Uma defesa bíblica da ordenação feminina. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.
- BÍBLIA DO OBREIRO. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A., WENHAM, G. J. **Comentário bíblico:** Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- DABNEY, R. L. **Mulher pode ser pastora?** Brasília, DF: Editora Monergismo, 2022.
- FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. *In:* Gerhardt, TE; Silveira, DT. **Métodos de Pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806>. Acesso em: 13 set. 2025.
- LE GOFF, J. **As raízes medievais da Europa.** Petropólis, RJ: Vozes, 2011.
- KEENER, C. S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia:** Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. Metodologia Científica. São Paulo: Grupo GEN, 2022. **E-book.** ISBN 9786559770670. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786559770670/>. Acesso em: 13 set. 2025.

MARTINS, Y. **Igrejas que calam mulheres** [recurso eletrônico] São Paulo: Mundo Cristão, 2024. ISBN: 978-6559883066

MOURA, P. H. F. **Os fundamentos ético-morais da paz no de civitate dei de Santo Agostinho e sua contribuição para a atual construção da paz.** 2009, 229 f. Tese (Doutorado em Teologia) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

REIMER, I. R. **Maria, Jesus e Paulo com as mulheres:** textos, interpretações e história. São Paulo, Paulus, 2013.

RIBEIRO, L. M. P. O papel das mulheres na bíblia: protagonistas ou coadjuvantes? Lisboa, PT, AD AETERNUM. **Revista de Teologia**, n. 0, v.1, pp. 68-85, ago-dez, 2020.

SÁ, D. M.; GHEDINI, R. M. O paradigma do pastorado feminino na igreja evangélica da atualidade. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 06, Ed. 12, Vol. 07, p. 159-173. Dezembro de 2021. ISSN: 2448-0959, Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/teologia/paradigma-do-pastorado>. DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/teologia/paradigma-do-pastorado.

WRIGHT, N. T. **Paulo para todos.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

ZANELLA, L. C. H. **Metodologia de estudo e de pesquisa em administração.** Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/180057515/zanella-liane-metodologia-de-estudo-e-pesquisa-em-administracao-2009>.